



*E*NSAIO POÉTICO



INTERPRETAÇÕES DO BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA ENTRE CÂMARA CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE¹



Vânia de Vasconcelos Gico²

RESUMO

Discutem-se as interpretações do Brasil elaboradas por Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade a partir de correspondência compartilhada, e que expressam o intercâmbio cultural das idéias do país e a relação de brasilidade entre o “Príncipe do Tirol” e o “Turista Aprendiz”. Analisam-se as narrativas das cartas arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros da USP- São Paulo, religando as idéias intelectuais evidenciadas, contextualizando-as com estudos publicados, trazendo-se à tona a discussão de influências intelectuais recíprocas. Consideram-se essas cartas, fonte de dados fundamentais para os autores em pauta, e para as pesquisas sobre as manifestações culturais brasileiras.

Palavras-chave: Interpretações do Brasil. Cultura brasileira. Câmara Cascudo. Mário de Andrade.

¹ **NOTA da autora:** Artigo publicado, em versão parcial, na **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, n. 30, p.110-127, 2002, sob o título: Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar. (Dossiê Mário de Andrade. Organização de Marta Rossetti Batista). Serão publicados no v. 7, n. 2, os textos aqui anunciados e não incluídos na publicação; poesias de Luís da Câmara Cascudo, artigos e crônicas.

² Dra.Vânia de Vasconcelos Gico. Professora-Pesquisadora da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. E-mail: gico@digicom.br; vaniagico@farn.br

INTERPRETATIONS OF BRAZIL ON LETTERS EXCHANGED BETWEEN CÂMARA CASCUSO AND MÁRIO DE ANDRADE

ABSTRACT

This paper aims at discussing the varied interpretations of Brazil elaborated by Luís da Câmara Cascudo and Mário de Andrade through letters exchanged between them, and which express the cultural exchange of the country's ideas and the relations of "Brasilidade" between the "Príncipe do Tirol" and the "Turista Aprendiz". The letters, archived at USP's Instituto de Estudos Brasileiros - São Paulo, are analyzed and have their evident intellectual ideas connected, contextualizing them to studies already published and bringing up the discussion of reciprocal intellectual influences. These letters are believed to be essential data sources for the authors of this study, and for researches on Brazilian cultural manifestations.

Keywords: Interpretations of Brazil. Brazilian culture. Câmara Cascudo. Mário de Andrade.

No estudo dos itinerários intelectuais, as cartas permitem o acesso a experiências compartilhadas e formas de intercâmbio, pensamentos e debate intelectual, como as considerava Câmara Cascudo. Para ele, as cartas, sua **correspondência precatória**, eram suporte de pesquisa, fonte de dados, intercâmbio e registro do cotidiano, vivido numa época em que o correio eletrônico ainda não se instalara na vida das pessoas, substituindo, muitas vezes, a fortuna das cartas entre estudiosos. Sua produção epistolar, portanto, tornou-se um veículo singular para disseminação da informação, divulgação e recebimento de notícias editoriais, já que ele próprio estava tão distante dos ciclos mais ativos das discussões em voga neste campo. Tal acervo hoje pode ser considerado uma riquíssima documentação para estudo do seu percurso intelectual, bem como de outros parceiros correspondentes, como se pode nominar Mário de Andrade, **O Turista Aprendiz**, considerado “o maior missivista brasileiro de sua época”, cuja correspondência constituía-se de textos, bilhetes, recortes, documentos, cartões postais e fotografias demonstrativas do seu grande interesse pelos aspectos culturais do povo brasileiro. (CARNICEL, 2002, p.7-9).

Câmara Cascudo, **O Príncipe do Tirol**, era capaz de transformar em livros as fontes que estavam sempre à sua volta - fossem elas arquivos, bibliografias ou fontes primárias - nas quais pesquisava, sistematicamente, a terra, a gente, a geografia, os governos, as circunstâncias e os acontecimentos que falam e contam a história cultural do século XX, envolvendo-se nas encomendas para escrever obras oficiais, nos intercâmbios, nos estudos e pesquisas, artigos e exercícios profissionais, dedicando toda uma vida às questões da cultura, sobressaindo-se o conhecimento da tradição.

Como escritor, Luís da Câmara Cascudo foi motivado por dois impulsos originários, um mais acadêmico/formal, outro mais contaminado pela subjetividade e pela criação. O aprofundamento na leitura da obra permite entrever que esse diálogo encontra-se presente na construção de seus textos, denunciando sua emoção e sensibilidade, intuição e conhecimento. Nesta escritura, as nuances da memória, da história e do folclore/etnografia são faces de um mesmo todo, embora tenha sido o folclore que perpassou todo o seu processo criativo e destacou o conjunto da obra. Tais nuances compõem um mosaico com diversas temáticas, como se fossem elementos de formas e cores variadas, cujos limites desenham uma espécie de rede, um conjunto de nós ligados por conexões, um

hipertexto, no sentido que Pierre Levy empresta ao termo³. Para navegar neste universo, possuía uma biblioteca particular de mais de quinze mil volumes para perder-se entre eles e reencontrar-se com seus próprios textos. Quando julgava seu trabalho, afirmava não possuir um livro mais importante do que outro. Dizia que cada livro seu era uma informação e naturalmente uns eram melhores do que outros, legando, especialmente ao Rio Grande do Norte⁴, uma extensa produção intelectual.

Registrou a história cultural, principalmente, através do imaginário das lendas e superstições, dos mitos e "causos", baseando-se, sobretudo, nos depoimentos orais como fonte de dados, exercendo suas funções de historiador sem o rigor do argumento crítico das fontes históricas e do estilo científico preestabelecido, o que demonstrava tanto na escritura quanto na fala. Impunha-se confortavelmente em tal posição, afirmando que descobriu a tempo o perigo de filiar-se a uma corrente ou a um pesquisador, o que implicava aceitar também os defeitos dele, por isso, a melhor escola era a liberdade de expressão e a autonomia teórica. (CASCUDO, 1984).

Assim, seu estilo caracteriza-se pela linguagem original e espontânea, por vezes coloquial, ainda que discuta categorias do conhecimento. Mesmo tendo pleno domínio de várias línguas estrangeiras, necessidade imperiosa aos intelectuais de então, podendo-se citar entre eles, o poliglota Guimarães Rosa, dizia que só falava bem o português e a primeira coisa que descobria, quando chegava a outro país, era que não sabia falar a língua deles. Essa fluência facilitou suas viagens à Europa, à África e à América Latina, para ver, observar, anotar e coligir material para seus estudos e proferir palestras, cursos e conferências.

Seu processo de criação exigia, sempre, o silêncio da noite. Passava o dia pesquisando, recebendo visitas, fazendo pesquisa de campo. Escrevia de uma única vez. Não fazia borrões, nem remontava textos. Criava embalando-se numa rede. Quando se levantava estava com o texto pronto,

³ Pierre Levy considera o hipertexto como "um conjunto de nós por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens. Gráficos, ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que eles mesmos podem ser hipertextos. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode por sua vez, conter uma rede inteira". (LEVY, 1993, p.33).

⁴ Nasceu na capital potiguar, Natal-RN, a 30 de dezembro de 1898, na qual viveu e faleceu a 30 de julho de 1986.

e passava-o direto para a máquina de escrever. Dali ia para os editores. Não guardava consigo rascunhos nem originais. Às vezes, quando os destinatários ou mensageiros perdiam seus escritos, fazia outro texto, se estivesse inspirado. Caso contrário desistia e denunciava a perda nas correspondências aos amigos, como se deu com o seu livro **Civilização e Cultura**, concluído em 1962 e só publicado em 1973, conforme narra na **História de um livro perdido**. (CASCUDO 1966).

Por outro lado, pode-se afirmar que o conjunto da obra cascudiana constitui um mosaico temático que se aproxima do itinerário das idéias de um *bricoleur*. A concepção de cultura permeia a quase totalidade de sua obra, concentrando a discussão no livro **Civilização e Cultura** (CASCUDO 1983); aí o *bricoleur* se expressa em um subconjunto da cultura, dispensa planos e normas, executando seu trabalho, elaborado a partir de uma coleção de resíduos, de fragmentos que compõem um todo da cultura. Partindo deste ponto de vista e admitindo que sua escritura não comportava um plano temático, representando policêntricas idéias, apontando, em especial, para as representações socioculturais e para a história, podemos chamá-lo um *bricoleur* da cultura, das idéias socioculturais.

Quanto às representações socioculturais, investiu em temário percorrido desde o século passado, por vários estudiosos, como expressaria, ele próprio, no prefácio à obra de Sílvia Romero. Em tal prefácio inventariou a trajetória da produção brasileira da literatura oral, a partir da documentação reunida por Sílvia Romero, em "romances e xácaras; versos gerais (quadras); parlendas e orações; benditos e mnemonias". Essa obra, na sua primeira edição (Cantos..., Lisboa, 1883; Contos..., Lisboa, 1885), constituiu o primeiro documentário da literatura oral do Brasil. Na reedição de 1954, Cascudo reagrupou os 88 contos ali exibidos, atualizando o assunto que vinha estudando e publicando nos seus trabalhos, valendo-se, inclusive, da classificação sistematizada e apresentada no Estatuto da Sociedade Brasileira do Folclore, criada por ele, em 1941. Argumentou, nesse prefácio, que não era mais possível reunir os contos populares pelas procedências, mas "pelo motivo essencial do episódio", reclassificando o material analisado em Contos de encantamento, Facécias, Contos etiológicos, Contos acumulativos, Contos de adivinhação, Natureza denunciante, Contos de exemplo e Fábulas ou Estórias de animais.

O cerne da sua obra, portanto, seria recolhido aqui e acolá, tanto dos contos, como de outros temas das manifestações folclóricas, sempre em

função do que poderia vir a ser feito, parecendo um trabalho inacabado, à espera de continuação, inacabamento esse, que hoje motiva a proliferação de estudos da obra cascudiana em várias direções. Mas esse jogo do processo de criação/invenção/inacabamento, mesmo comportando focos de emancipacionismo e determinismo, conforme pensa Morin (1992), ou seja, maior ou menor aproximação do pensador às idéias do seu tempo, aos padrões ideários da conjuntura histórica, seria tão emergente para Cascudo, que, mesmo seduzido pelo desejo de continuidade dos seus trabalhos, não apontou seguidores⁵. Não deixou discípulos nem colaboradores, embora a quantidade de informantes para produção intelectual tenha sido imensa. Havia mesmo um colégio invisível de coletores de informações para seus trabalhos, sem pensar naqueles que lhe respondiam a **correspondência precatória** enquanto base de dados para sua obra.

Por sua vez, a produção intelectual elaborada por Cascudo consta de livros, coletâneas, biografias, capítulos de livro, folhetos, artigos, discursos, conferências, correspondências, prefácios de livros, verbetes e entrevistas⁶. Em 1921, inicia-se a publicação de seus livros, antecedidos por artigos e crônicas, principalmente em jornais e revistas especializadas, como é o caso do artigo **O aboiador** (constará do v. 7, n. 2, 2008 da Revista da FARN), elaborado em 1920 e publicado em 1921 na **Revista**

⁵ Interessados na preservação da tradição, apontam como “continuador da obra de Cascudo” merecidamente, aliás, o pesquisador Deífilo Gurgel, que se considera discípulo do “Mestre” nas pesquisas e registros da cultura popular (JATOBÁ, Annamaria. Deífilo Gurgel... **O Galo**, Natal, v.4, n. 1, ago. 1991. Entrevista). É interessante comprovar a persistência deste pesquisador no registro das manifestações orais da cultura, reatando os laços da visita de Mário de Andrade a Natal, 50 anos depois, destacando o reencontro com Chico Antônio no engenho “Bom Jardim”. Com esse acontecimento, foi possível para Deífilo Gurgel realizar uma gravação inédita e ampliada do “Boi Tungão” (Cf. original em AN-DRADE, 1976, p. 273; 1984, p. 357). Além disso, foi possível ao mesmo, ter segurança para contestar nota de Mário de Andrade exposta nos comentários do livro **As melodias do boi e outras peças** (AN-DRADE, 1987, p. 86): “Como era o aboiá”, nas quais **O Turista Aprendiz** afirma que “se entende bem a frase porém fica meio besta assim. Creio que esse aboiá é abreviatura comum nos cocos, da última sílaba de ‘aboiato’, ‘boiato’, que quer dizer: novilho”. Afirma Deífilo Gurgel que o “Dicionário Aurélio não registra ‘boiato’ como novilho, boi novo, mas, ‘boiote’”. Portanto, ele discorda da afirmação mariana, concluindo que “a frase é um jogo fantasioso do real (boi) com o irreal (aboiar)” (Entrevista concedida por Deífilo Gurgel, em Natal, RN, em 20 set. 2001). Há ainda a indicação de Mário Souto Maior, falecido no Recife, no dia 25 de novembro de 2001, como um dos principais herdeiros de Cascudo. (ÉPOCA, São Paulo: Globo, v. 1, n.11, 3 ago. 1998).

⁶ Obra catalogada por MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968; Bibliografia anotada**. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 2v. em 3; e por GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada 1968-1995**. Natal: EDUFRN, 1996.

do Brasil. Assim o seu primeiro livro: **Alma patricia: crônica literária**⁷, somando-se a uma produção expressiva de títulos⁸, não caracteriza o seu estilo de estudioso da etnografia dos costumes, o que é dado pelo artigo **o aboiador**, já citado, e o livro **Vaqueiros e Cantadores**, que afirma o grande estudioso do folclore e tornou-se significativo por reunir e expressar estudos sistematizados do cotidiano dos saberes socioculturais por ele estudado, traço profundo da sua obra. O último dos seus livros publicado em vida é **História dos nossos gestos**, que teve sua primeira edição em 1976, e narra a história, o detalhe, a curiosidade e a evolução de gestos comuns, integrantes do dia-a-dia do brasileiro, comparando-o com outros povos, registrando o cotidiano das pessoas, como faria Montesquieu, para sentir as paixões melhor do que qualquer narrativa poderia fazê-lo. (SANTOS, 2000). A pesquisa bibliográfica, documental, os depoimentos orais, e principalmente sua correspondência precatória, como vimos, foram sua grande fonte de pesquisa e desde os primórdios da sua produção, já era admirado por usar, para registro de informações, as fichas de pesquisa e de aula, e como uma das fontes de dados, a troca de documentos e o microfilme, recursos didáticos comuns posteriormente.

Cascudo afirmava que grande parte do seu trabalho de investigação foi dedicada à seleção dos informantes, mas que foi feliz nas escolhas, citando o exemplo das suas alunas que enviava em pesquisa pelas ruas, mercados e bairros populares. Dirigia-se às mesmas como “pesquisadoras iniciantes”, que lhes coletavam um material precioso, legítimo, colhido com amor. Assim tanto reconhecia o germe de um trabalho de iniciação científica, hoje tão em voga nas academias, como evidenciava os laços de mediação pedagógica que mantinha com todos aqueles que o cercavam, no seu ofício de professor.

Por tudo isso, se considerava o escritor mais documentado do Brasil, porque escrevia o simples, o trivial, o que não costumava ir para os acervos,

⁷ Anterior ao livro **Alma Patricia** encontramos: CASCUDO, Luís da Câmara. **Versos reunidos de Lourival Açucena**. Natal: Tipografia d'a Imprensa, 1920; 2.ed. Natal: Ed. Universitária, 1986 (Versos reunidos por Luís da Câmara Cascudo. 2.ed. com atualização ortográfica. Coleção Resgate). Mas há dúvida na 1ª edição: 1920 ou 1927? Existem registros das duas datas; há indícios que seja 1927, data comemorativa do centenário de nascimento de Lourival Açucena (GICO, 1996).

⁸ Segundo SOUZA, Itamar de. Actas Diurnas. **Diário de Natal**, Natal, v. 1-11, mar./dez., 1998, a produção intelectual de Câmara Cascudo consta de “68 livros, 22 plaquetes, 2.560 artigos em jornais e 50 prefácios, com um total de 26.398 páginas publicadas”.

mas que havia sido coletado no cerne do processo cultural, sua escola era a própria realidade, traço comum aos escritores formados no cenário dos anos 30 e que ainda conservavam os sentidos do modernismo. (FARIA, 2007, p.8). Além disso, costumava misturar-se com as pessoas para aprender, não ficava vendo as coisas como espectador. Desse modo, não se mantinha apenas no recolhimento da sua biblioteca, mas também no meio do povo, a recolher material, a sentir o pulsar da cultura tradicional. Recolhia no “seio do povo” o material para os seus estudos e observações, mas, também, conservava o encanto pelo documento, consubstanciando, com diversificadas fontes, a textura da sua obra.

Entretanto, esse deslumbre pela pesquisa documental, numa cidade ainda provinciana como era a Natal da primeira metade do século vinte, era motivo de grande empenho para consecução das suas fontes; assim para viabilizar as informações para suas obras, tanto realizava inquéritos diretos, como vimos, como escrevia cartas aos amigos. Nessa correspondência, o assunto principal eram os livros que estava escrevendo, seus editores – José Olympio, pois “graças á sua fina sensibilidade para identificar talentos” (BORELLI, 2006, p.65), a literatura brasileira alcançou a posição de destaque que ocupa hoje no cenário cultural brasileiro e internacional, e que editou vários dos seus livros, seu cotidiano, suas idéias e assuntos culturais da cidade. Para ele, toda correspondência era importante. “A mais banal relata a normalidade do espírito. Nenhum livro de Machado de Assis, de Flaubert, de Monteiro Lobato constitui depoimento mais relevante do que as suas cartas particulares [...]” (CASCUDO, apud MELO, 1989, p. 17).

Nominava as cartas⁹, em que solicitava informações de pesquisa aos amigos, colegas pesquisadores e instituições de **inquéritos diretos, cartas perguntadeiras e correspondência precatória**, como por fim consagrou chamá-las. Enquanto suas agendas (cadernetas de notas) guardavam anotações pessoais, as cartas eram textos sempre destinados aos outros. Mesmo sendo uma característica comum das cartas, para Cascudo constituíam uma maneira de mostrar-se a si próprio, como fez em tantas outras passagens da sua obra. A escrita de si mesmo chegou, inclusive, a particularizar suas memórias nos livros: **O tempo e eu, Ontem, Na ronda do tempo e Pequeno**

⁹ As cartas consultadas para este artigo são aquelas publicadas ou acessadas entre amigos e pesquisadores. O grande acervo epistolar de Câmara Cascudo ainda não está disponível aos pesquisadores, neste início de século XXI, mas restrito à família Cascudo em Natal/RN.

manual do doente aprendiz, todos reeditados, em 1998, no centenário de nascimento do autor, pela Editora Universitária da UFRN.

Deste modo, sua **correspondência precatória** tanto fala do seu cotidiano particular e da família, quanto da produção da sua obra. Neste caso, solicitava abertamente tudo que precisava para escrever seus livros e não estava ao seu alcance geográfico: informações de bibliotecas, arquivos, museus, dados de família e profissional dos estudiosos que estava referenciando e até mesmo coleta de dados de campo eram pedidos, e lhe vinham por correspondência das “vítimas indefesas”, como costumava apelidar amigos escolhidos em Estados brasileiros ou em pontos estratégicos do exterior, para fornecer-lhe tais informações. Detalhava os pedidos, orientando o levantamento dos dados, e indicando as minúcias que desejava para cada assunto com o qual estava ocupado. Assim, não admitia a falta de compromisso para “responder cartas” e manifestava publicamente sua opinião, como fez em sua coluna do jornal **A República** de julho de 1943:

Um dos nossos hábitos comodistas é não responder cartas ou retardar indefinidamente a satisfação desse dever. Há, naturalmente, cartas que só merecem silêncio. Outras exigem o cumprimento imediato. São consultas, por exemplo, que esclarecerão dúvidas. São informações para quem está estudando um assunto. Raramente, muito raramente, registro uma falta de resposta. Houve, entretanto, anos passados, um episódio digno de registro. Estava eu escrevendo *O MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO*, que a “Brasília” de S. Paulo publicou. Já juntando documentos, adquirindo livros, forjando o ambiente, sem bibliotecas e arquivos. Numa manhã registei quatro cartas. Uma para o Prefeito de Polícia de Paris, mr. Chiappe. Outra para o Príncipe Max de Saxe, professor na Universidade de Basileia. Outra para o prof. Fezas Vidal, Reitor da Universidade de Coimbra. A última, para o Rio de Janeiro, era a mais próxima e mais fácil. Tratava-se de um exemplar de uma publicação oficial, comprada, dada ou emprestada. O destinatário, grande político, com uma tradição de polidez e de inteligência, compreendia tudo. “Recebi respostas da Suíça, da França e de Portugal. Recebi quanto pedira relatório, notas, cópias autenticadas, com frases amáveis e cativantes”. Do meu patrício brasileiro, o político amabilíssimo, nunca me chegou às mãos uma linha sequer.” Não espero mais porque ele morreu”. Está perdoado e creio que Deus fez o mesmo para com su’alma [...]. (CASCUDO, 1943, p.8).

Assim sendo, nota-se que **O Príncipe do Tirol**, com era chamado Cascudo na sua juventude, não só elegeu sua correspondência pessoal como base de dados para suas pesquisas, enquanto fonte dos repertórios documentais, como se manteve em contato com os principais intelectuais do país e do exterior, atualizando-se e possibilitando a obtenção de informações para sua obra. Em entrevista dada ao organizador do livro de cartas entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo (1991, p.26 apud AYALA; DUARTE, 1997, p.8) informou os escritores com os quais Cascudo mantivera mais intensa correspondência: “Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Nilo Pereira, Cassiano Ricardo e Monteiro Lobato”. Deste último, acrescentou, deveria ter mais de duzentas cartas e o maior volume de correspondência internacional deu-se com Artur Coelho, em Nova York, e Perry Vidal, em Lisboa, na época, diretor da Biblioteca da Ajuda¹⁰, seu cicerone ao Mosteiro de Belém em 1947 (MARINHO, 2004, p.66), mas, segundo a Revista Época (v. 1, n.11, ago. 1998), foi Mário de Andrade quem o tomou por confidente e trocou a mais longa correspondência com o escritor potiguar¹¹.

Com tanta dedicação e entusiasmo, Cascudo, no exercício da produção das idéias e do pensamento, traçaria um itinerário inscrito nas idéias do seu tempo: o ideário dos ensaístas iniciados nos anos 1920. Desenhou uma trajetória mais ajustada às matrizes do pensamento regionalista, embora percebesse o universal na temática regional, aproximando-se do modernismo paulistano. Exibir a bricolagem das idéias, correntes e pensamento era mesmo uma característica cascudiana, “intelectual complexo”¹², como afirma Gico (2006, p.184);

¹⁰ Não foi possível localizar tal informação em pesquisas mais recentes. No período de 2001 a 2005 realizei levantamento bibliográfico da obra de Câmara Cascudo em Portugal e Espanha, inclusive na Biblioteca da Ajuda em Lisboa, não tendo sido encontrado tal acervo epistolar naquela biblioteca. Entretanto Ana Maria Cascudo Barreto consultada sobre o assunto, faz alusão ao seu encontro com o filho de Perry Vidal em São Paulo, Frederico Pery Vidal, falecido em 06.06.2007 (<http://www.agencia-lusa.com.br>) reafirmando a correspondência entre Câmara Cascudo e Perry Vidal. A busca foi repetida por correspondência à Direção da Biblioteca da Ajuda em 2008 (ajuda.lib@ippar.pt). A resposta dada pela senhora bibliotecária Maria da Conceição Geada confirmou a não localização de correspondência entre Câmara Cascudo e Perry Vidal no acervo daquela ilustre instituição, afirmando que “a correspondência entre ambos deve ter sido de caráter particular, e nada foi arquivado na Biblioteca”.

¹¹ A coleção Mário de Andrade é tombada pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB – www.ieb.usp.br) da Universidade de São Paulo, tendo recebido em dezembro de 2007, a ratificação de seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nas categorias de Tombo das Belas Artes, de Tombo Histórico e de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, assim a coleção permite vários estudos (MORAES, 1993; ANDRADE, 1995; AMARAL, 2001), em várias áreas, possibilitando atualizações de informações. Mário de Andrade, em 1936, colabora com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN.

¹² “A palavra complexo deve ser entendida em seu sentido literal : *complexus*, aquilo que se tece em conjunto”. Morin (1998, p.16), e expõe a complexidade religando os saberes, conformando a transdisciplinaridade.

ajustou-se às idéias do seu tempo, como vimos, embora com características de emancipacionismo, sendo exemplo de simpatia pelos movimentos modernistas e regionalista, os quais, em Natal, diferentemente do Recife, influenciam simultaneamente os círculos intelectuais de então. (ARAÚJO,1995).

Assim o emancipacionismo das suas idéias seria expresso, por um lado, através da religação das correntes metodológicas, em evidência, e por outro, tanto a inovação da manipulação das informações dos meios para instrumentalizar sua obra, como pelo ajuste à invariância, à reprodução. Desse modo, expressou-se através de um pensamento desviante, e articulou, no seu processo criativo, um pensamento de cunho mais totalizador, sendo concededor das matrizes universais da cultura e da civilização.

Entretanto, em alguns momentos, sobrecarregava sua escritura dos exageros da reflexão apressada, como observaram alguns críticos pontuais, ao longo da sua produção. Mário de Andrade, por exemplo, acreditava no poder do tempo e do estudo nas pesquisas, bem como na coleta dos dados diretamente nas fontes. Daí a crítica por cartas, que ele faria à falta de paciência, à dispersividade e ao descomedimento de Cascudo. Achava-o apressado nas afirmações, principalmente, por não rever os textos após o ímpeto da criação, aperfeiçoando-os. Além disso, recriminava fases de apego às leituras em detrimento das pesquisas de campo, embora tenha com ele realizado a “viagem de descoberta do Brasil”, e manifestado várias vezes sua insegurança para as viagens, “contentando-se em se transportar para outros povos e outras culturas por meio de fotografias”, postais, fotos de recordação, enfim pedaços do Brasil, geografia de livros, como atestam suas cartas. (ANDRADE, 1976, p.6). Insidia-se ainda na escolha de alguns assuntos estudados por Cascudo, como foi exemplo, sua monografia sobre o Conde d’Eu, e depois a reincidência com o trabalho sobre Stradelli, além de artigos que precisariam de maiores argumentos, como o da interpretação da couvade e outro sobre catimbó. Lembraria, muitas vezes, a Cascudo, que ele dispunha de rico e diversificado laboratório em Natal, para estudar o folclore e demais temas brasileiros, e que essa seria uma temática fundamental para se falar sobre o Brasil. (MELO, 1991). De fato, Cascudo já havia sentido e vivido as manifestações culturais, juntamente com o seu orientador cultural na adolescência, Henrique Castriciano, na Vila Amélia, na qual Mário ficou hospedado de dezembro de 1928 a fevereiro de 1929, para documentar “nossas danças folclóricas”, e contou nas suas pesquisas, com a “assistência permanente de Cascudo e Antônio Bento de Araújo Lima”. (GURGEL, 1999, p.192).

Mário de Andrade voltaria à discussão da falta de paciência cascudiana na resenha que fez do livro **Vaqueiros e Cantadores**, divisor de águas das

publicações folclóricas de Cascudo (1939), publicada no seu livro "O Empalhador de passarinho" (ANDRADE, 1940). Os seus comentários críticos sobre a obra seriam contundentes ao referirem-se às afirmações encontradas no livro que lhe pareceram mais "dignas de esclarecimentos ou menos certas", discutindo, por exemplo, a abrangência da música folclórica que, numa visão universal, não lhe pareciam estar restrita à idéia moral do bem, como Cascudo afirmou.

Chamava, ainda, a atenção de Cascudo, para comemorações exibidas por descobertas que lhe pareciam arqueológicas, de quatro ou cinco séculos, quando, na realidade, eram duvidosas. Não se baseava, para isso, em documentos ou elementos técnicos e cita o caso do recolhimento de uma versão da "xácara do Chapim de El-Rei".

Finalizou sua análise com o ponto que lhe parecia mais crítico que eram as "digressões musicais", principalmente, quando Cascudo insistia em afirmar que "a nossa música popular afeiçoa mais o modo menor que o maior" para expressar-se. Mário de Andrade posicionava-se comumente na contra-mão da opinião cascudiana, mostrando, no próprio **Vaqueiros e Cantadores**, pontos abordados, que indicavam direção oposta.

Mas, apesar das divergências, o que parece extremamente saudável para fertilizar o pensamento, ambos estavam empenhados em entender a realidade brasileira a partir de estudos que enfocassem as manifestações culturais, tomando o folclore e a cultura popular como instrumentação para tal entendimento. Mário de Andrade conhecia o gosto cascudiano pela busca dos dados da pesquisa nas fontes primárias, principalmente, por ter sido ciceroneado e, também, seu hóspede em Natal, na "viagem etnográfica", ou "viagem de descoberta do Brasil" ao Nordeste, no período de 14 de dezembro de 1928 a 29 de março de 1929, como vimos. Nesta viagem, demorou-se mais tempo no Rio Grande do Norte e interior da Paraíba, coletando informações fundamentais aos trabalhos posteriores de ambos os pesquisadores. Em 1927, quando conhece Natal e Cascudinho, demora-se apenas um dia, mas o suficiente para visitar o Prefeito O'Grady, tomar "cerveja no restaurantinho, que devia ser o legendário *Café Majestic* [...], jantar na Escola Doméstica, classificada por Mário o Butantã de Natal".(GURGEL, apud AYALA; DUARTE, 1997, p.168).

Tanto Mário quanto Cascudo consideravam o folclore e a cultura popular como imprescindíveis para conhecimento do povo brasileiro. Tanto um, como o outro concebem o folclore como uma disciplina afim das demais áreas do conhecimento, colocando-o enquanto ciência social, como a etnografia, para

se insurgirem contra uma posição elitista, do seu tempo, que congelava o folclore, dissociando-o dos demais fenômenos da sociedade e reduzindo-o à valorização do pitoresco, às franjas do social. Jamais negaram as tradições brasileiras, estudando-as com uma visão dinâmica da sociedade, na qual as tradições transformam-se pela mobilidade que possuem.

Para Mário de Andrade, a via de acesso ao conhecimento do povo brasileiro são as “viagens para a descoberta do Brasil”, destacando-se Minas Gerais (1924), onde encontra Carlos Drummond de Andrade e depois o convida, por carta, a dedicar-se ao Brasil junto com ele (CANÇADO, 1993); Amazônia (1927), quando vai até ao Peru e à Bolívia, encontrando na passagem pelo Nordeste seus amigos que ainda não conhecia pessoalmente, mas só pelo intercâmbio do movimento modernista, Ascenso Ferreira, Câmara Cascudo¹³ e Joaquim Inojosa.

A viagem à Amazônia,

a julgar-se pelos textos de 1927 e 1928 que dela resultaram, foi claramente marcada pela preocupação etnográfica, com Mário de Andrade procurando entender a particularidade do Brasil através da observação da vida do povo. Ela teria também lhe mostrado a necessidade de por logo em prática seu velho projeto de visitar o Nordeste. (ANDRADE, 1983, p. 16),

quase viabilizado em 1926, desejando agora realizar uma pesquisa mais sistemática em uma região que se oferecia tão rica em tradição musical popular. Saiu do Rio de Janeiro, sozinho, a bordo do navio **Manaus**. Livre de protocolos e dono de seu tempo visitou Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba, convivendo com seus amigos Ascenso Ferreira, Cícero Dias, Antônio Bento de Araújo Lima, Ademar Vidal, firmando amizade com “Cascudinho” e com o poeta Jorge de Lima, então em Maceió.

Cascudo o acompanharia à “expedição pelo Nordeste”, sobretudo à Paraíba e ao Rio Grande do Norte. Ambos vão “recolhendo documentos

¹³ Em carta de 19 de maio de 1926, Mário conta seus planos de viagem ao amigo Manuel Bandeira: “Pois é, estou de viagem marcada pro norte. Vou na Bahia, Recife, Rio Grande do Norte onde vive um amigo do coração que no entanto nunca vi pessoalmente, o Luís da Câmara Cascudo. É um temperamento estupendo de sujeito, inteligência vivíssima e ainda por cima um coração de ouro brasileiro. Gosto dele. Ele me arranjará duas conferências no Norte, uma em Recife e outra em Natal. Com os dois contocos que levarei daqui a viagem se paga e eu fico conhecendo o Nordeste [...]” (ANDRADE, Mário de. **O Turista aprendiz**. p.17). Obs.: Os planos não se concretizaram e a viagem foi adiada para 1928. Em 1927, conheceu Cascudo e Jorge Fernandes, quando voltava da viagem do Amazonas e parou em Natal.

musicais de intérpretes convocados por seus amigos ou assistindo a ensaios e representações de danças dramáticas". Estudam a religiosidade popular, o catimbó, a música de feitiçaria. Mário tem seu corpo "fechado" e passa o Carnaval no Recife. Na Paraíba, encontrou o cantador Chico Antônio, acompanhado de seu instrumento, o ganzá, ficando muito impressionado com sua capacidade de criador e de intérprete. Com estes dados, complementados pela pesquisa bibliográfica e outras consultas, Mário de Andrade foi elaborando o livro "Na pancada do ganzá", que não chegou a concluir, falecendo com o trabalho inacabado. Antônio Nóbrega, estudioso da música folclórica e renomado artista da cultura nordestina, homenageou Mário de Andrade em seus shows com o mesmo nome dos CD's lançados, nos anos 2000, "Na pancada do Ganzá".

Por seu lado, as sedutoras imagens do Natal ficaram registradas no seu diário de viagem. Além de Cascudo, do qual recebeu influência fundamental para sua formação folclórica, como pensa Edison Carneiro (1950), gostou francamente dos Castricianos, Henrique e Auta e encantou-se com o poeta Jorge Fernandes e com seu "Livro de poemas", publicado em 1928, prefaciado por Câmara Cascudo. Reescreveu nos seus diários as poesias de que mais gostou e que retratavam cenas do cotidiano. Outras vezes, desabafou coisas da cidade, com os devidos registros da "viagem etnográfica", do Natal e das visitas ao interior.

Mário de Andrade, Câmara Cascudo e tantos outros intelectuais, escritores, artistas preocupados e figurantes do cenário cultural brasileiro, da primeira metade do século 20, quase sempre são considerados força motriz da renovação apreendida pelo movimento modernista que expressava preocupação com a identidade nacional para o país, embora haja discordâncias¹³ dessas idéias tão engajadas e tão padronizadas, na dinâmica social. Entretanto parece haver unanimidade que estes pensadores, provindos de horizontes sociais e políticos distintos, não foram socializados em nenhum *Gynnasium*. Na maioria, são autodidatas, pelo menos na profissão que exercem: antropólogos, sociólogos, professores, jornalistas - mas informados sobre o que se produz aqui e lá fora, alguns bafejados pela fortuna dos pais, como Cascudo, outros muito pouco possuíam.

¹⁴ Há divergência quanto a preocupação de Câmara Cascudo "com a questão da formação nacional" (Cf. GONÇALVES, 1999, p. 75); bem como convergências quanto ao propósito de Mário de Andrade "para a construção de um todo nacional" (Cf. VELOSO; MADEIRA, 1999, p.122 e o próprio GONÇALVES, op. cit.), entre outros.

Acompanhando o calor cultural das cidades em que vivem e em cidades diferentes, têm bastante trânsito, e encontram-se nas livrarias, cafés, ou nos salões das tertúlias que se abrem para eles, na troca de poesias, musicais, discursos, discussões polêmicas ou partidárias. Fundam jornais e revistas, embora na maioria das vezes não circulem mais que três ou quatro números, quase sempre autofinanciados pelo seu fundador e alguns amigos. Mesmo possuindo divergências entre si, em alguns momentos, tinham em comum o espírito de renovação e atuação para compartilhar os problemas e debater, através dos jornais e demais periódicos, os seus pontos de vista.

Cascudo, o “Luís do Natal”, também partilhava deste elenco de notáveis, ativamente, inclusive. Enquanto Mário de Andrade viaja pelo país fazendo suas “expedições” de estudo, sendo correspondente do Diário Nacional de São Paulo, as preocupações cascudianas têm sua maior ênfase no cenário norte-rio-grandense, mesmo percorrendo outros palcos, e iniciando suas publicações no jornal “A Imprensa”, em Natal, de propriedade do seu pai. Tais artigos, entretanto, não se limitavam só a este jornal, visto que foi o jornal “A República” que se tornara abrigo para o maior número de suas respectivas crônicas, iniciadas em 1918.

Outrossim, nos anos 1920, a imprensa centralizava um poder muito maior que hoje. Não se podia admitir que o intelectual não aparecesse nos jornais, como trabalhador direto ou colaborador. A dificuldade dos meios editoriais especializados fazia do jornal o divulgador central de tudo o que apareceria, para exercitar um jornalismo político, cultural ou de oposição.

Um olhar na imprensa daquela época no Rio Grande do Norte revela, também, uma das fases mais movimentadas da vida intelectual e social da cidade do Natal de então. Publicam-se intensamente revistas e jornais das mais diversas correntes: “humorísticas, esportivas, festivas, estudantis, noticiosas, operárias, sindicais, políticas e, acima de tudo, literárias” (MELO, 1987, p.96). Revistas como Atualidade, Cigarra, Nossa Terra..., Outras Terras..., Revistas do Centro Polimático, Terra Natal e Letras Novas mostram, em muitos dos seus artigos, tendências modernistas e reuniam um grupo expressivo da intelectualidade potiguar como Luís da Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Lauro Pinto, João Maria Furtado, Jaime Wanderley e outros.

A poesia moderna chegaria a Natal com certo atraso, tendo, entre seus representantes, Jorge Fernandes – colaborador de “Terra Roxa” e “Revista de Antropofagia” – e o próprio Cascudo, poeta bissexto (poesias constarão do v. 7, n. 2, 2008 da Revista da FARN) , jornalista e ensaísta. Amigo de Mário de Andrade, Cascudo manteria com ele assídua correspondência, como vimos,

bem como com Joaquim Inojosa, divulgador do modernismo no Recife, com repercussão em outros estados. Este fluxo de informações culturais também dava conta do que se passava no Nordeste/Norte do Brasil, projetando vários intelectuais pouco conhecidos, intercambiando relações, como aquelas entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo, sendo ambos receptores e ao mesmo tempo emissores de conhecimento sobre as interpretações do Brasil. Joaquim Inojosa manteve, inclusive, no *Jornal do Commercio*, uma página literária, aos domingos, intitulada **Literatura, Ciências e Artes**, de 1º de junho de 1924 até 13 de setembro de 1925. Aí divulgou vários trabalhos literários, até mesmo dois poemas de Câmara Cascudo, “Kakemono” e “Shimmy”,¹⁵ aliás, a pedido do autor em carta de 13 de agosto de 1925: “Remeto duas poesias minhas. Não abra a boca... Minhas, sim senhor! Uma para o meu (e de V.) Mário e outra inteiramente sua. Sacuda-as na página literária dos domingos em bom lugar”. Cascudo também aproximara Ascenso Ferreira de Mário de Andrade, por carta, pois não o conhecia pessoalmente ainda.

Mais tarde, Carlos Drummond de Andrade referiu-se às preocupações cascudianas de viver o Brasil, lendo o documentário de Joaquim Inojosa sobre “O Movimento Modernista em Pernambuco”, afirmando que, nos idos de 1925, encontrara o jovem Cascudo. Não foi surpresa para ele, que o sabia poeta modernista, não arrolado por Bandeira em sua antologia de bissextos. Em carta que Inojosa reproduz, o futuro autor da “Geografia dos Mitos Brasileiros” manda-lhe dois poemas para serem publicados no Recife. Eram de um livro que, em agosto, chamar-se-ia “Bruaá” e, em novembro do mesmo ano, passaria a intitular-se “Caveira no Campo de trigo”. Como não se editara esse livro na época, o poeta Cascudo permaneceu inédito, sufocado pelo folclorista e historiador¹⁶.

Drummond sabia da fase poética de Cascudo por haver recebido dele, em eras remotas, um “Sentimental epigrama para Prajadipock, Rei do Sião”, um reino “governador em francês”. Também lhe conhecia o **Lundu de Colleen Moore**, que marcava suas preferências nativistas sobre os mitos importados de Hollywood, típico do modo de dizer em 1929.

Trocando o verso inicial pela prosa, acrescenta Drummond que Cascudo não abandonara a poesia. Em sua paixão de brasileiro, incursiona pelo lendário,

¹⁵ Grafado Symmy (COSTA, 1969) Shimmy (LIMA, 1998, p.57) e (manuscrito, arquivado no IEB/USP, São Paulo/SP).

¹⁶ Ver BROUHAHA. **Câmara Cascudo**: poeta e leitor de poesia. Natal: Fundação Hélio Galvão, 2005.

pelas tradições, e pela espiritualidade primitiva e lírica do povo, poetizando a sua obra; mesmo não sendo um ficcionista, Cascudo escreve alguns contos e raros versos, talvez até para emergir-se no forte apelo de então, e dar à “Semana de Arte Moderna” uma importância, antes de tudo, poética:

Aquilo foi uma reunião de vários temperamentos - e alguns mais explosivos como Oswald de Andrade, que eu chamava de “doido-mor”. A Semana não teve mestres, mas um clima de excitação que inclusive favoreceu a uma leitura desordenada. Oswald achava que a escrava não era mais Isaura e acabou. Não lia nem gostava. Hoje, eu acho que a importância da Semana foi antes de tudo poética. Depois de 22, os poetas nacionais ficaram mais livres das trovas, sonetos e baladas. O santo ofício parnasiano não amarra mais ninguém no pelourinho. É verdade que pela porteira de 22 passaram bons e maus poetas (CASCUDO, apud VARELA, 1972, p.4).

Para marcar sua participação na poesia do movimento modernista, Cascudo usaria estilo livre - rima e não métrica - para escrever versos como **Banzo**, publicado na Revista de Antropofagia; *Shimmy*, poesia com seis estrofes, contendo dedicatória do autor para Mário de Andrade; **Não gosto do sertão verde**, poema com três estrofes sobre o sertão do tempo chuvoso, do qual ele não gostava, e do sertão vermelho, seu preferido quando chegava a seca, dedicado a Manuel Bandeira e **Kakemono**, dedicado a Joaquim Inojosa. A produção poética de Luís da Câmara Cascudo parece ser complementada por mais três poemas telúricos, que repetem a temática e o estilo modernistas. Referem-se ao entardecer e não são nomeados ou datados, mas manuscritos e numerados 1, 2, 3 (com lápis de cera azul) e remetidos a Mário de Andrade (Carta, 4 set. 1925), com autorização de Cascudo para dar-lhes título, podendo inclusive alterar o texto (constará do v. 7, n. 2, 2008 da revista da FARN)).

Mário de Andrade, entretanto, comentaria os poemas (Carta, 4 out. 1925) afirmando que eles eram “Bons. Enérgicos retos”, mas tinha uma observação sobre o que chamaria “falta de paciência ou reflexão apressada” da escritura cascudiana:

Às vezes tenho impressão que você escreve um pouco depressa os seus versos e deixa como saíram sem se importar mais com eles. Tem algumas coisas, por exemplo, nestes três poeminhas que se você os lesse em voz alta e se preocupasse um pouco mais com a rítmica (veja bem que não falo métrica) creio que você mesmo corrigiria [...]

Vai adiante, ressaltando o estilo do poeta bissexto que considera "natural" e "verdadeiro" e sugerindo mudanças em alguns versos, as quais Cascudo pode ou não considerá-las. Adverte que sua impiedade é prova de amizade. Assim faziam com ele Manuel Bandeira, Carlos Drummond e muitos outros.

Além dos poemas, Cascudo escreveria crônicas impregnadas de puro sentimento poético e se atualizaria "por conta própria", com a literatura estrangeira. Tal ação, muitas vezes, o colocava à frente de outros estudiosos, que não dispunham deste recurso, para discussão de informações emergentes no país, permitindo-lhe representar no cenário cultural potiguar, o papel de liderança intelectual e de referência cognitiva para as futuras gerações. Esta liderança garantia as relações da intelectualidade com o poder e favorecia o patrocínio de boa parte da vida literária e da produção cultural, uma vez que governantes eram também intelectuais e representantes de elites econômicas. Nessa articulação de poder e idéias, os dirigentes tomavam parte nas tertúlias literárias, festas e bailes "aristocráticos", apoiando e promovendo a vida lítero-cultural da cidade, como foi exemplo a atuação do governador Alberto Maranhão, considerado o mecenas das letras e das artes.

Quando foi Presidente do Estado, José Augusto Bezerra (1924-1928) receberia, tanto no Palácio do Governo, como em sua residência, os poetas e intelectuais renomados que eram hóspedes do "Principado do Tirol", como era chamada a residência cascudiana, trazidos a Natal por intermédio de Câmara Cascudo, entre eles Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Peryllo Doliveira. Houve mesmo, na administração de Juvenal Lamartine de Faria, em 1930, a doação de uma casa a Mário de Andrade, na praia de Areia Preta, a fim de que o poeta, "pousando", na cidade, principalmente nas suas férias, pudesse estudar e registrar, mais atentamente, as manifestações culturais da região que o encantaram, junto ao amigo "Cascudinho", para, conjuntamente, interpretar o Brasil.

Por sua vez, Areia Preta foi, legal e oficialmente, a primeira praia da cidade do Natal escolhida para a função balneária pela Intendência Municipal (resolução 115, de 18 de janeiro de 1908) para os banhos de mar, considerada, portanto, com as melhores condições para a função. "Era recanto de pescadores até 1920 quando sua popularidade e rude beleza prestigiaram-lhe a fama. Os pescadores foram vendendo os ranchos e os natalenses construindo outros, mais feios, e indo passar lá, as semanas de calor" (CASCUDO, 1999, p.212). Em 1925, o Coronel Cascudo havia presenteado o filho "com um mocombo, o mais pobre e simples" da aristocracia do lugar e foi nele que Mário de Andrade veraneou, despertando-lhe o desejo de moradia.

Quando recebera a notícia da doação da casa, Mário recomendara a Cascudo que não alterasse a ecologia dos arredores com muros altos. Plantasse cajueiros e coqueiros porque, no Nordeste, não saberia viver sem eles. Afirmaria que a casa não era senão de “todos os nordestinos, principalmente *outlavos*, cantadores, couqueiros, dançadores de Bumba e Fandango, catimbozeiros e cangaceiros. A respeito das duas últimas classes me arranjaréi com o chefe de polícia e com o Presidente, que são camaradas e entendem as coisas”. (Carta, 20 maio 1930).

Reforçaria, ainda, a gratidão pela casa com a promessa de permutá-la pelo livro que estava escrevendo, “Na pancada do ganzá”, expressando o desejo de rejuntar o país, de aproximar o Nordeste de “Macunaíma”, como queria Lamartine ao trazê-lo para morar em Natal: “[...] meu coração caiu no Nordeste [...] levo pra aí minha rede de Tucum do alto Solimões, uma viola de Sabará, e Chico Antônio cantará o Jurupaná, coco sinhá! [...]” (Carta, 30 maio 1930)

Mário não voltaria a Natal¹⁷ e em vista dos “intuitos moralizantes” da revolução de 30, a doação da casa foi anulada em cartório por Cascudo, para evitar a exposição do nome do amigo, “que poderia vir a ser incluído entre os *cúmplices e aproveitadores dos Carcomidos, pelos autênticos investigadores da remandiola* de outubro de 1930”, (Grifo do autor) conforme informaria ao escritor Oswaldo Lamartine de Faria em carta de 26 de maio de 1973.

O coração de Mário de Andrade havia “caído” pelo Nordeste e por Câmara Cascudo. Chega-se mesmo a pensar, pelo tom das suas cartas para o “ensaísta do norte”, que a admiração literária e afetiva dera-se desde quando Cascudo lhe fora apresentado por carta de Joaquim Inojosa. A correspondência entre os dois iniciou-se em 1924 e perdeu-se, até 1943, às vezes com intervalos de um ano entre as cartas, mas sempre registrando recíprocos interesses.

Os traços desta correspondência, como as demais trocadas por Cascudo e seus correspondentes, exibiam o corpo de idéias que permeavam suas obras e o cenário que estavam envolvidos. Mário de Andrade introduzira, como prioridade na sua produção literária e nas suas atividades culturais, o estudo da realidade brasileira, temário assumido pelo movimento modernista a partir da segunda metade da década de 20, assunto que iria se manifestar, também, na correspondência com Câmara Cascudo.

¹⁷ Falecera em 1945, aos 52 anos de idade e não chegou a crismar o filho de Cascudo, Fernando Luís, conforme era desejo de Cascudo, para tornarem-se compadres.

A questão da brasilidade, das interpretações do Brasil, portanto, foi realçada já na primeira carta de Mário de Andrade a Câmara Cascudo, quando o emissor referiu-se ao primeiro artigo de Cascudo sobre o folclore, escrito em 1920 e publicado no ano seguinte na Revista Brasil intitulado **O aboiador** (Carta, 14 ago. 1924) (Constará do v. 7, n. 2, 2008 da Revista da FARN) e ao artigo **O Sr. Mário de Andrade**, no qual foi traçado o perfil do “pesquisador antiacadêmico, que possuía o dom profundamente humano de errar e aceitar o erro e as críticas”. Esta opinião deixou Mário muito contente, por ser compreendido entre **os novos e modernos**, como Cascudo.

Crítico militante da literatura brasileira em formação, pode-se afirmar que, ao lado de cada elogio de Mário a Cascudo, havia, bem ao tom professoral das recomendações marianas, uma possibilidade para criticar e orientar a textura da obra cascudiana, o que também pode ser observado nas cartas de Mário a vários outros correspondentes.

Suas preocupações com a obra de Câmara Cascudo enfatizaram, principalmente, a escolha temática, sempre o convidando para “folclorizar” e o estilo da escritura, no qual a principal crítica era a pressa cascudiana para exprimir seu pensamento. Suas “reflexões apressadas” estariam contidas no seu próprio processo de criação dos textos, os quais eram elaborados de uma única vez, direto à máquina, sem serem lidos ou ressignificados. No reverso do conjunto encontrava-se “a maior conquista dos modernos que era a despreocupação da literatura. Nada de frases bem acabadinhas, ritmos preconcebidos, adjetivos para encurtar frase direta”, o que conferiria à produção cascudiana um grande valor literário, na opinião de Mário de Andrade (Carta, 26 set. 1924).

Numa análise geral da obra, Mário sintetizou sua opinião, em carta de 9 de junho de 1937, reforçando pontos já discutidos exaustivamente, inclusive, ao longo da sua convivência e da sua correspondência com Câmara Cascudo. Veríssimo de Melo, compilador das cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo, chamou de “terrível” esta carta, assegurando que a mesma vinha comprovar “a influência decisiva” de Mário na orientação dos estudos folclóricos de Cascudo.

Tal afirmação foi sendo repetida, ao longo dos anos, por outros estudiosos, sem refletirem o que poderia ser a “influência” de uma única carta, em toda a vivência cultural de Câmara Cascudo com outros estudiosos e correspondentes, inclusive com as demais passagens das várias interpretações do Brasil que ambos construíram. Afirmar que uma única carta tem tal

poder é no mínimo curioso, e não decisivo. Melo (1986) assegurou também que a obra cascudiana foi planejada desde o princípio, tendo emergido o plano com o movimento modernista de 1922. Afirmaria ainda que a “confirmação plena” da sua dedução poderia ser configurada com a leitura da correspondência entre os dois literatos.

Chega-se mesmo a pensar que esta será uma importantíssima oportunidade para, a partir de novos estudos, derimirem-se afirmações que valiam pelo que diziam, na época que foram ditas, e não mais neste começo de século XXI, no qual até mesmo os paradigmas de ciências estão em dúvida¹⁸. Por outro lado, é bom lembrar que no prefácio à “Geografia dos mitos brasileiros”, Cascudo explicita sua intenção de publicar, além desses mitos e dos contos editados no “Vaqueiros e cantadores”, uma “Etnografia Tradicional do Brasil”, livro publicado com o título “Contos tradicionais do Brasil”. Complementados esses trabalhos, fecharia a série “umas notas à nossa Literatura oral”, livro publicado em 1952.

Além desse registro de plano da obra cascudiana, não foram observadas outras configurações de plano temático de pesquisa, para um confronto de informações. Uma análise da correspondência disponível relativiza bastante as questões levantadas por Veríssimo de Melo, visto que, as questões mostradas são avanços e recuos de temática da realidade brasileira, assunto que preocupava a ambos. Isso vem realçar a importância da correspondência na obra de Cascudo, quando olhada numa visão de conjunto com as demais obras e correspondência já publicadas, e não “comprovar a influência decisiva” de Mário na orientação dos estudos folclóricos de Cascudo.

Além dos dados analisados indicarem uma dedicação de Câmara Cascudo ao folclore anterior ao relacionamento com Mário de Andrade, há depoimentos “que Cascudo teve uma influência fundamental na formação folclórica de Mário de Andrade” (COSTA, 1984). Edison Carneiro, no seu livro “Dinâmica do folclore”, afirmou que Mário de Andrade herdou toda a riqueza do folclore nordestino, desvendada por Luís da Câmara Cascudo e “talvez tenha partido daí o interesse de Mário de Andrade em documentar, extensivamente, as manifestações populares, quer pessoalmente, quer através dos seus inúmeros amigos músicos, escritores, artistas e discípulos” (CARNEIRO, 1950, p. 166).

¹⁸ A propósito consultar SALES NETO (2008).

Américo de Oliveira Costa, numa entrevista sobre Câmara Cascudo, em 1984, repetiu o que já havia afirmado no seu livro “Viagem ao universo de Câmara Cascudo”, remetendo-se à citação de Edison Carneiro, concordando com seu depoimento e acrescentando que

o próprio Mário de Andrade numa crítica que está incluída no livro dele ‘O Empalhador de passarinho’ saudou efusivamente o aparecimento do livro **Vaqueiros e cantadores**, de Cascudo, numa época em que o folclore de qualidade verdadeiramente científica era de produção miserável. (COSTA, 1969, p.73).

Para Manoel Rodrigues de Melo, na mesma série de entrevistas, Cascudo foi um dos primeiros escritores modernistas do Rio Grande do Norte cujas crônicas já eram modernas, quando veio a Semana de Arte Moderna de São Paulo¹⁹, relembando que, mesmo antes de Mário de Andrade visitar Natal, já solicitava a Cascudo material para publicar nas revistas modernistas (MELO, 1984). Aliás, nesta série de entrevistas, Cascudo foi indagado do significado para ele e para a cultura popular do contato com Mário de Andrade, do verdadeiro motivo de sua grande produção e como aconteceu o folclore na sua vida, questões sobre as quais Câmara Cascudo afirmou:

Para mim não significou nada. Quando eu conheci Mário de Andrade foram relações íntimas. Ele foi meu hóspede durante quinze dias aqui em Natal. Eu estava com a mentalidade formada como pesquisador. Em 1918 apaixonei-me pela cultura popular, vivendo-a, procurando-a, amando-a. Ele não foi um pesquisador, senão de música [...]. Agora, foi de uma boa influência para a pesquisa da música popular.²⁰

Quanto ao verdadeiro motivo de sua grande produção responde:

¹⁹ É importante afirmar que o **Manifesto Futurista** foi traduzido e publicado pela primeira vez no Brasil, em Natal, por **Manoel Gomes de Medeiros Dantas**, embora saibamos que a leitura em outras línguas era comum entre os intelectuais da época. O italiano Fillippo Thomazzo Marinetti, autor do manifesto, condenava, no mesmo, “toda forma tradicional de Literatura e Arte”. Juntamente com Manoel Dantas e Henrique Castriciano, Câmara Cascudo compunha esse grupo de pioneiros da cultura do Rio Grande do Norte. (LIMA, 2004).

²⁰ Na Antologia do folclore brasileiro, organizada por Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade não foi incluído, como também observou FLORESTAN, Fernandes. **O folclore em questão**. São Paulo, HUCITEC, 1989, p. 147.

- Eu fui fiel as minhas simpatias, só escrevi sobre o que amava. Fiz tudo quanto amava fazer.
- **E o folclore, como aconteceu na sua vida?:**
- É porque vivi o folclore no sertão do meu tempo, como disse no prefácio do *Vaqueiros e Cantadores*. Ali estão as antiguidades teimosas das minhas simpatias supersticiosas. Depois fui encontrando nos livros o que já ouvira na literatura oral dos idos de 1911. (CASCUDO, 1984).

Não resta dúvida de que a sistematização do folclore na obra de Cascudo encontrou eco no movimento modernista e sintonia no pensamento de Mário de Andrade. É geralmente aceito que o "modernismo como estado de espírito dominante e criador durou pouco menos de dez anos, terminando em 1930, mas deixou a base e o estilo de muitas escrituras que se esboçariam posteriormente, independente, de seguidores ou não, visto que era um estado de espírito universal" (ANDRADE, 1972, p.187), traços que caracterizariam o perfil cascudiano no exercício do processo criativo da sua obra. Rebelde às doutrinas vigentes, que para ele inibiam a criação, afirmava que o melhor caminho para anunciar-se pau-brasil era a liberdade, o que lhe custou, inclusive, a falta de reconhecimento da universidade que ajudou a criar (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal/RN), pois a exemplo das demais, quase sempre é pautada por um pensamento acadêmico provado e comprovado pelo racionalismo. Desse modo, as influências do movimento modernista na textura, na metodologia e na proposta de temas da obra orientariam o que já vinha sendo gestado.

Seu livro **Vaqueiros e Cantadores**, publicado em 1939, fez despontar sua produção folclórica e continua a "poética nordestina", trabalho mencionado repetidas vezes por Mário de Andrade nas cartas destinadas ao "Cascudinho". Desde o início da correspondência, Mário indagava, inclusive, da obrigação moral de Cascudo concluir o livro do qual já possuía rico material, a exemplo da melodia dos aboios com as letras que lhe tinha enviado em 1926. Havia recebido um artigo e uma parte do trabalho, mas Cascudo pediu de volta para conclusão e não devolveu (Carta, 31 jul. 1936). Mas afirmava que a abrangência do "*Vaqueiros e Cantadores*" justificou quinze anos de dedicação, tendo em vista a quantidade de estudos e pesquisas que resultariam em exaustivo material documental, o qual comporia outros trabalhos da sua produção intelectual, acompanhando e reorganizando o itinerário da obra.

Outra base de pesquisa para diversos temas foi o trabalho "Lendas e tradições", publicado com diferentes títulos, como *Literatura oral, Tradições*

populares da pecuária nordestina, Contos tradicionais do Brasil, e outros. No acervo de Câmara Cascudo, depositado no arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo²¹ está uma “lista dos trabalhos terminados sobre credences e tradições” que Cascudo enviara para Mário. Em carta de 6 de setembro de 1925, Mário de Andrade acusa recebimento: “Recebi os índices. Também me puseram água no bico. Confesso que o livro Lendas e tradições me interessa mais porque me afeta nos meus assuntos e preocupações mais que outros. Porém que venham estes e os devorarei. Não tenho nenhuma autoridade nem sabença em nenhum dos assuntos para dar parecer. Digo só que são interessantíssimos”. Como na “poética nordestina”, também muitas vezes indagava Cascudo sobre a conclusão dos trabalhos sobre “Lendas tradicionais”. Várias vezes referia-se ao assunto nas cartas, chegando a solicitar “tradições do Norte” para publicar em artigos e “Lendas e tradições do Nordeste” para serem inseridas no seu livro Macunaíma, uma das mais agradáveis introduções ao folclore brasileiro, evidenciando a preocupação de ambos com a construção de um referencial cognitivo que expressasse as representações socioculturais para interpretar o Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros, 2001. v. 1; v. 2. (Coleção Correspondência de Mário de Andrade.

ANDRADE, Mário de. **As melodias do boi e outras peças**: preparação, introdução e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987.

ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo: Martins, 1972.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**: estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Mário de. **Os cocos**: preparação, ilustração e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

²¹ Acervo divulgado, com permissão da família, em GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Correspondências**: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 1999. 354f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) PPGEL – UFRN, Natal, 1999.

ANDRADE, Mario de. **Portinari, amigo mio**: cartas de Mário de Andrade a Candido Portinari. Organização, introdução e notas Annateresa Fabris. Campinas, SP: Mercado de Letras; Autores Associados-Projeto Portinari, 1995.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo**: anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN, 1995.

AYALA, Maria Ignez Novais; DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). **Múltiplo Mário**: ensaios. João Pessoa, PB; Natal, RN: UFPB-Ed. Universitária; UFRN-Ed. Universitária, 1997.

BORELLI, Dario Luis. José Olympio, editor de Guimarães Rosa. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, p.65-72, 2006. Disponível em < <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 22 fev. 2007.

CANÇADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu**. São Paulo: Scritta, 1993.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Of. Graf. do Jornal do Brasil, 1950.

CARNICEL, Amarildo. Envelope cultural: um passeio dirigido pelo país por meio das cartas e das fotos de Mário de Andrade. **Revista Comunicarte**, Campinas, v. 18, n. 24, p. 07-22, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. O aboiador. **Revista do Brasil**, São Paulo, SP, v. 6, n. 17, p. 296-8, 1921.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma pátria**: crítica literária. Natal: Atelier Typ. M. Vitorino, 1921. Ed. Fac-similar: Mossoró/RN: ESAM, 1991. (Col. Mossoroense. série C, v. 743).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. Banzo. **Revista de Antropofagia**, São Paulo, SP, a. 1, n. 10, fev. 1929. Ed. Fac-similar, São Paulo, SP, 1976.; **Descobrimento**, Lisboa, Portugal, número de verão, 1931.; In: COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal: Fundação José Augusto, 1969. p. 238.; In: LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998. p. 55.

CASCUDO, Luís da Câmara. Brasil de Madrugada. **Descobrimento**, Lisboa, Portugal, número de verão, 1931. In: COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal: Fundação José Augusto, 1969. p. 238. In: LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998. p. 56.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. 2.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Em memória de Stradelli** (1852-1926). Manaus: Livraria Clássica, 1936.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Entrevista**. 1984. [Acervo do Diário de Natal, acessada por Vânia Gico em 1997].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 3. ed. Natal: Instituto Histórico e Geográfico – IHG/RN, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História de um livro perdido**. Natal: UFRN – Instituto de Antropologia “Câmara Cascudo”, 1966. (Separata dos “Arquivos do I. A.”, v. 2, n. 1-2, 1966).

CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos nossos gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil**. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. Kakemono. **Jornal do Comércio**, Recife, PE, 13 set. 1925; INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Tupy, 1968, v.1, p. 105.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: ED. da USP, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. Lundu de Collen Moore. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagem de Cascudo. **Província**, Natal, RN: Fundação José Augusto, v. 2, p. 15-16, [1968]. Número Especial.; In: LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998. p. 58.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Na ronda do tempo: diário de 1969**. Natal: EDUFRN, 1998 (Edição comemorativa dos 100 anos [1898-1998] de Luís da Câmara Cascudo).

CASCUDO, Luís da Câmara. Não gosto de sertão verde. **Terra Roxa & outras Terras**. São Paulo, SP, a. 1, n. 6, p. 4, jul., 1926. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Jorge Fernandes: o lirismo nos quintais pobres**. João Pessoa, PB, 1997. p. 183: Textos de outros autores. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) CCHLA-UFPB.; In: **Nação Potiguar**. Poema musicado por Gereba. Natal: Fundação Hélio Galvão, 1999. 1 CD.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Sr. Mário de Andrade. **Terra Natal**, a. 1, 1922.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O tempo e eu: confidências e proposições**. Natal: EDUFRN, 1998 (Edição comemorativa dos 100 anos [1898-1998] de Luís da Câmara Cascudo).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Ontem**: imaginação e notas de um professor de província. Natal: EDUFRN, 1998 (Edição comemorativa dos 100 anos [1898-1998] de Luís da Câmara Cascudo).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Pequeno manual do doente aprendiz**: notas e imaginações. Natal: EDUFRN, 1998 (Edição comemorativa dos 100 anos [1898-1998] de Luís da Câmara Cascudo).

CASCUDO, Luís da Câmara. Poema 1; Poema 2; Poema 3. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Correspondências**: leituras das cartas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. p. 247. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) PPGEL – UFRN, Natal – RN, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. Responder cartas. **A República**, Natal, RN, 7 jul., 1943. (Acta Diurna).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Série Luís da Câmara Cascudo**. Entrevista. Natal, RN, 12 maio; 01 nov., 1984 (Arquivo do Diário de Natal, Natal, RN).

CASCUDO, Luís da Câmara. Shimmy. **Jornal do Comércio**, Recife, PE, 6 set., 1925.; In: INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Tupy, 1968, v. 1, p. 106.; In: COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal: Fundação José Augusto, 1969. p. 240.; In: LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998. p. 57.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: MA - Serviço de Informação Agrícola; Natal: Fundação José Augusto, 1956.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**: folclore do sertão Pernambucano, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1984.

COSTA, Américo de Oliveira. Mestre Cascudo – 86 anos. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 30 dez. 1984. Caderno de Domingo.

COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

CULTURA: Cartas de Câmara Cascudo a Mário de Andrade – a herança de Cascudo. **Revista Época**, São Paulo, v. 1, n. 11, 3 ago. 1998.

CUNHA LIMA, Daladier Pessoa. **Noilde Ramalho**: uma história de amor à educação. Natal: Liga do Ensino do Rio Grande do Norte, 2004.

FARIA, Daniel. Realidade e consciência nacional. O sentido político do modernismo. **História**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-15, 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 30 abr. 2008.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1989.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, n. 30, p. 110-127, 2002. (Dossiê Mário de Andrade. Organização de Marta Rossetti Batista).

GICO, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo: um intelectual complexo. In: CASTRO, Gustavo; ALMEIDA, Maria da Conceição; CARVALHO, Edgar de Assis (Org.). **Ensaios de complexidade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 184-189.

GICO, Vânia de Vasconcelos Gico. **Luís da Câmara Cascudo**: bibliografia comentada. Natal, RN: EDUFRN, 1996.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo: itinerário de um pensador**. São Paulo, 1998. 281 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC, São Paulo.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Correspondências**: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 354 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) PPgEL – UFRN, Natal, RN, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Cotidiano, Corpo e Experiência: reflexões sobre a etnografia de Luís da Câmara Cascudo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, DF, n. 28, p. 74-91, 1999.

GURGEL, Deífilo. Chico Antônio: Uirapuru de Vila-Nova. **O Galo**, Natal, RN, ago., 1989.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidor, 1998 (Edição comemorativa dos 100 anos de Luís da Câmara Cascudo).

LUÍS da Câmara Cascudo. In: GURGEL, Deífilo. **Espaço e tempo do folclore potiguar**. Natal/RN: Prefeitura de Natal – FUNCART (PROFINC): Secretaria do 4º Centenário, 1999. p. 191-194.

MARINHO, Francisco Fernandes. **Câmara Cascudo em Portugal e o “I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore”**. Natal, RN: Sebo Vermelho, 2004. (v. 1: Primeira viagem a Portugal para preparação do Congresso – 1947).

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte**. São Paulo: Cortez, 1987.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Série Luís da Câmara Cascudo**: entrevista. Natal, RN, 25 maio 1984 (Arquivo do Diário de Natal, Natal, RN).

MELO, Veríssimo de (Org.). **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

MELO, Veríssimo de. **A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil**. Mossoró, RN: ESAM/FGD, 1989 (Col. Mossoroense, série B, n. 643).

MELO, Veríssimo de. A obra folclórica de Cascudo. **A República**, Natal, RN, 26 out. 1986. *Jornal da Cultura – Suplemento*.

MORAES, Marcos Antônio de. (Org.). **“Tudo está tão bom, tão gostoso...”**. **Postais a Mário de Andrade**. São Paulo: Hucitec:EDUSP, 1993.

MORIN, Edgar. **As grandes questões do nosso tempo**. Lisboa: Ed. Notícias, 1992.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ROMERO, Sílvio. **Cantos e contos populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1954.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-traducionalista nordestino**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2008.

SANTOS, Antônio Carlos dos. Carta vai, carta vem: o romance epistolar em Montesquieu. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, n. 2, p. 89-102, 2000.

SOUZA, Itamar. Actas Diurnas. **Diário de Natal**, Natal, v. 1-11, mar. - dez., 1998.

VARELA, Dailor. O folclore está vivo: rodovias, luz elétrica e rádios de pilha ajudam a salvar uma cultura que se supunha ameaçada: entrevista com Luís da Câmara Cascudo. **Veja**, São Paulo, SP, 19 abr. 1972.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. Mário de Andrade: a função pública da arte e do artista. In: _____. **Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 111-133.

